

Alinhavadas¹: experiência poética na costura de saias

1 Vídeo Arte Alinhavadas (2021) disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Uxku-jSdoKA>

Alinhavadas: experiência poética de coser faldas

Alinhavadas: poetic experience in sewing skirts

Luciana Borre¹

¹ Luciana Borre (Porto Alegre, 1982) é artista têxtil, professora e pesquisadora interessada nas Práticas Têxteis Contemporâneas, Formação Docente, Educação da Cultura Visual, A/r/tografia e questões de Gênero e Sexualidades. Atua como professora e coordenadora dos cursos de Graduação em Artes Visuais, da Universidade Federal de Pernambuco e integra o Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFPE/UFPB. Doutora em Arte e Cultura Visual (UFG), Mestre em Educação (PUCRS), especialista em Gestão Educacional (PUCRS) e Pedagoga (UFRGS). Atuou como professora na Educação Básica. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9232357001079673> ID Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1929-3734> E-mail: lucianaborre@yahoo.com.br.

RESUMO

Alinhavadas é uma experiência poética na qual convido amigas/os, estudantes e/ou interessadas/os para costurar saias por meio da auto modelagem, utilizando somente o ponto alinhavo. Em 2019, costurei com pequenos grupos, conversando sobre os possíveis sentidos e visualidades que poderíamos construir, lançando as seguintes indagações: o que o uso deste artefato têxtil diz de nosso momento histórico-cultural? O que posso aprender e criar com as narrativas de outras pessoas sobre o uso de saias? O que podemos aprender destas memórias que deixam roupas como legados? Diante das ações de enfrentamento à pandemia COVID19 o alinhavo da saia se tornou um pretexto para a geração de encontros virtuais e/ou individuais. Alinhavadas é parte da pesquisa a/r/tográfica¹. Narrativas Têxteis e Docência Artista, desenvolvida no Departamento de Artes, da Universidade Federal de Pernambuco, no campo da Educação da Cultura Visual, sob aportes de John Dewey (2010).

PALAVRAS-CHAVE

Educação da Cultura Visual; Narrativas A/r/tográficas; Artes Visuais; Experiência.

ABSTRACT

Alinhavadas is a poetic experience in which I invite friends, students or interested parties to sew skirts through self-modelling, using only the basting stitch. In 2019, I sewed with small groups, talking about the possible meanings and visualities that we could build: what does the use of this textile artifact say about our historical-cultural moment? What can I learn and create from other people's narratives about wearing skirts? What can we learn from these memories that leave clothes as legacies? In the face of actions to fight the COVID19 pandemic, the tacking of the skirt became a pretext for the generation of virtual or individual meetings. Alinhavadas is part of the a/r/tographic research Textile Narratives and Artist Teaching, developed at the Department of Arts, Federal University of Pernambuco, in the field of Visual Culture Education, under contributions by John Dewey (2010).

KEY-WORDS

Visual Culture Education; A/r/tographic Narratives; Visual Arts; Experience.

1 A/r/tografia refere-se a uma abordagem que articula aspectos relacionais em investigações de cunho educacional e artístico, é também "um encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais" (IRWIN, 2013, p. 28).

RESUMEN

Alinhavadas es una experiencia poética en la que invito a amigos, estudiantes o interesados a coser faldas a través del auto modelado, utilizando solo la puntada de hilván. En 2019 cosí con grupos reducidos, hablando de los posibles significados y visualidades que podríamos construir: ¿qué dice el uso de este artefacto textil sobre nuestro momento histórico-cultural? ¿Qué puedo aprender y crear a partir de las narrativas de otras personas sobre el uso de faldas? ¿Qué podemos aprender de estos recuerdos que dejan la ropa como legado? Ante las acciones para combatir la pandemia de COVID19, la producción de la falda se convirtió en un pretexto para la generación de encuentros virtuales o individuales. Alinhavadas es parte de la investigación artographic Narrativas Textiles y Enseñanza Artista, desarrollada en el Departamento de Artes, de la Universidade Federal de Pernambuco, en el campo de la Educación en Cultura Visual, con las contribuciones de John Dewey (2010).

PALABRAS CLAVE

Educación en Cultura Visual; Narrativas Artográficas; Artes Visuales; Experiencia.











Uso saias curtas e longas. Elas significam liberdade para o meu corpo, permitindo deslocamentos fluidos e saúde íntima, quando não são apertadas¹.

Ao pensar em saias ou vestidos lembro quando fui daminha de casamento na infância, quando participei da cerimônia de primeira comunhão, do ritual de crisma e do vestido de noiva. Com saias e vestidinhos brancos aprendi sobre o comportamento feminino considerado ideal nas primeiras interações sociais fora do âmbito intrafamiliar e a viver os binarismos de gênero. Usando saia não aprenderia a brigar na escola, a falar palavrões ou a jogar futebol e os possíveis vestígios de barro, lama e grama seriam motivo de punição.

Eu raramente uso saias. Desde de criança nunca gostei, nem me senti confortável ou segura com vestidos e saias. Sempre ando de short, bermuda ou calça comprida pela ideia de segurança e seriedade.

Eu praticamente só uso vestido e saia, curtos ou longos, tanto faz. Gosto da sensação de tá quase nua na parte de baixo.

Sou católica, pertencço a uma família muito religiosa. Recordo a primeira vez que ousei usar uma saia curta em um encontro familiar. Não demorou muito até que uma das minhas tias sugerisse que eu tirasse a saia e colocasse um “calção” dela (longo e horrível). Me senti mal e troquei de roupa. Nunca mais usei mini saia.

Gosto de usar vestidos também, mas sempre teve essa relação com o momento em que a perna estaria depilada ou não. Hoje já ando de saia, short ou vestido com a perna cabeluda.

¹ Memórias registradas durante o processo de criação de Alinhavadas. Fonte: caderno da autora.

Há algum tempo investigo os sentidos que produzo em relação a um demarcador de gênero comum ao feminino: saias². É na infância que encontro as primeiras memórias sobre o que esses artefatos têxteis significam para mim. Lembro da expectativa que criei ao saber que daria incontáveis voltas com um vestido de festa junina. Também recorro a vergonha que senti ao derramar sorvete em meu vestidinho novo. Na adolescência, usar saias passou a simbolizar passagem, trânsito da inocência para a malícia, para a intenção de despertar olhares, admiração.

Hoje, percebo que as saias têm vida própria, são heranças e servem de código para outras presenças. Atentamente, escutei o relato de uma senhora que nunca usava saias ou vestidos. Suas narrativas eram tão distintas das minhas que tive uma intensa curiosidade para saber as motivações que levaram aquela mulher a rejeitar o uso de saias. Eram histórias marcadas por violência física onde cada palavra vibrou em meu corpo, tanto que senti o engasgo de algumas frases, a dificuldade de respirar e o tremor de suas mãos.

Foi lendo “A saia almarrotada” (sic.), de Mia Couto (2009), que conheci uma personagem feminina – sem nome – que narra o quão afastada estava das expectativas comuns ao ganhar sua primeira saia: “quando me deram a saia de rodar, eu me tranquei em casa. Mais que fechada, me apurei invisível, eternamente noturna” (COUTO, 2009, s/p). Diferente de suas vizinhas, a personagem vê sentidos contraditórios quando as mulheres de sua vila sonhavam ganhar vestidos e saias para “abraçarem a felicidade”. Desilusões com o amor, aversão à vaidade, obediência ao pai e solidão foram ingredientes para que ela resolvesse enterrar o vestido novo e entregar-se às chamas de uma fogueira: “lancei, sim, fogo sobre mim mesma. Meus irmãos correram, já eu dançava entre labaredas, acarinhada pelas quenturas do enfim. E não eram chamas. Eram as mãos escaldantes do homem que veio tarde, tão tarde que as luzes do baile já haviam esmorecido” (COUTO, 2009, s/p).

Todas essas memórias ecoaram em meus dias, obrigando-me a parar e entender o que acontecia com meu corpo que apresentava os primeiros sinais de imunidade baixa, dores de cabeça e no estômago. Roupas não instigam a memória, elas são a própria memória do corpo. Essa foi a conclusão que aliviou minhas dores e que me instigou a pensar quais histórias ainda poderia conhecer sobre as saias. O que o uso deste artefato têxtil diz de nosso momento histórico-cultural? O que posso aprender com as narrativas de outras pessoas sobre o uso de saias e vestidos? O que podemos aprender destas memórias que deixam roupas como legados?

Em um ato intempestivo, convidei um grupo de estudantes para costurarem uma saia comigo por meio da auto modelagem, utilizando o ponto alinhavo. Não era somente a transgressão de um planejamento pedagógico ou das técnicas comuns de costura que estavam em cena, mas observar, sentir e transgredir visualidades sobre o uso de saias e compartilhar narrativas de vida para percepção e reflexão dos aspectos histórico-culturais que envolvem esse costume, inclusive porque “numa economia

2 Figuras 1 a 10, Alinhavada com Sandro Drumond, Renata Oliveira, Ana Flávia Mendonça e bailarinas do projeto Patchwork: alinhavos de memórias (Alice Tatiana, Camila Quirino, Clara Galindo, Isabelle Lucena, Irla Sab, Jennifer Zeferino e Liane Rafaelle) sob coordenação de Ana Marques, 2020. Fotografias: Walton Ribeiro.

capitalista, numa economia de roupas novas, a vida dos têxteis adquire uma existência fantasmagórica, ganhando importância ou inclusive vindo à consciência apenas em momentos de crise” (STALLYBRASS, 2012, p. 19).

Tantas histórias e curiosidades, a atenção ao corpo que vibra com as memórias alheias, o contexto social dos têxteis e um desejo de estar junto costurando com outras pessoas foram os primeiros impulsos e investimentos criativos da experiência poética Alinhavadas. Para Dewey (2010) essa impulsão é o início de uma experiência, e sua gênese é uma necessidade que pertence ao organismo, ao corpo ainda carente de ação. Essa necessidade, porém, só pode ser resolvida a partir de uma relação com o meio, que é externo ao corpo, sendo que “as impulsões constituem os primórdios da experiência completa por provirem da necessidade; de uma sede e uma demanda que pertencem ao organismo como um todo e que só podem ser saciadas pela instituição de relações claras (relações ativas, interações) com o meio” (DEWEY, 2010, p. 144).

O ponto alinhavo é um dos mais simples na costura, tornando-se meu principal elo – vínculo – com o meio. Ele pode ter muitas funções, tais como alinhar barras, servir de base para outros pontos ou complementar técnicas de trabalhos manuais. Na costura de roupas, o ponto alinhavo é uma promessa, revelando a intenção final da peça. Serve para traçar a rota dos caimentos dos tecidos no corpo, para esconder imperfeições e para demarcar o caminho do ponto definitivo, geralmente feito à máquina de costura. Assim como as promessas, o ponto alinhavo é frágil. Pode facilmente arrebentar e ocasionar o desmanche da roupa. Geralmente, o ponto alinhavo não é muito preciso, pode ser um pouco torto e nem se preocupa em esconder os nós.

Aprendi muito ao conhecer as fragilidades do ponto alinhavo e visualizei que “uma rede feita de roupas pode seguir as conexões do amor ao longo das fronteiras da ausência, da morte, pois a roupa carrega, além do valor material em si, o corpo ausente, a memória, a genealogia” (STALLYBRASS, 2012, p. 28).

O uso do ponto alinhavo, possibilitou vivências singulares onde cada encontro tornou-se registro permanente na memória. O sentido vital desses acontecimentos “define-se pelas situações e episódios a que nos referimos espontaneamente como ‘experiências reais’ - aquelas coisas de que dizemos, ao recordá-las: ‘isso é que foi experiência’” (DEWEY, 2010, p.110). A experiência (por ser exatamente um fluxo de um lugar a outro) não tem, e não deve ter, um caráter estanque, tendo relação entre presente, passado e futuro. Conseguimos distingui-la de outros fatos, daquilo que é ordinário, dos acontecimentos banais, mas isso não a torna isolada. Por esse motivo, escutar as narrativas enquanto costurávamos tornou-se o acontecimento que invadiu o cotidiano. Também me fez recordar lembranças da infância, conversar com as amigas que não via há tempos e compartilhar relatos em minhas aulas.

“Em uma experiência, o fluxo vai de algo para algo” (DEWEY, 2010, p. 111), por isso, em 2020, decidi continuar escutando histórias, resignificando memórias com outras pessoas que, gentilmente, aceitaram costurar saias em ponto alinhavo comigo, encaminhando os primeiros impulsos criativos para um nível de consciência

mais elaborado. Isso porque “o ímpeto cego é transformado em um propósito; as tendências instintivas convertem-se em empenhos planejados. As atitudes do eu são impregnadas de sentidos” (DEWEY, 2010, p. 145). A costura de saias, desde então, teve propósitos delineados, registros imagéticos planejamos e escrita reflexiva encaminhada.

Alinhavadas foi um projeto de encontros individuais e/ou virtuais marcados pelas ações de enfrentamento à pandemia Covid19, tendo uma intencionalidade evidente, anunciada alto e bom som: quero te conhecer melhor! Para Dewey (2010, p. 150) “uma atividade que era ‘natural’ - espontânea e não intencional - se transforma, por ser executada como um meio para atingir uma consequência conscientemente pretendida. Essa transformação marca todo o ato artístico”. Sendo assim, encontrar-me com histórias alheias provocou acontecimentos singulares de autorreflexão, um ato expressivo que deu propósito a uma ação antes instintiva.

No entanto, “conhecer melhor” tornou-se uma armadilha. Como se o tapete fosse repentinamente puxado ou como um susto no confronto com um familiar falecido. Por exemplo, ao ser acolhida no lar de uma das colaboradoras percebi o quanto aquelas paredes, quadros, janelas e portas produziam a sensação de conforto, segurança e proteção para seus habitantes e o quanto ligavam gerações de mães, filhas/os e netas/os. O corpo/casa, a casa/corpo estavam projetados em minha frente e, sem possibilidade de fuga, aceitei o fato de que encontrei meu lugar no mundo territorialmente longe da família nuclear, e que a culpa pelo abandono de entes queridos deveria ser revertida para o auto perdão. Aquele lar, repleto de lembranças, foi construído com perseverança e trabalho árduo de algumas gerações consecutivas de mulheres, transportando-me imediatamente para as pedras que minha parentalidade materna carregou por décadas para construção de seus lares.

Alinhavadas foi um projeto de encontros. Teve intencionalidades obscuras, dificilmente anunciadas em alto e bom som. Buscou experiências singulares que não diziam respeito somente ao fazer, costurar, cortar a linha e ajustá-la na agulha, mas vivê-la em processo lento. Tratando esses encontros com cuidado desde o convite, na busca dos melhores aromas, na escolha do tecido... chegando ao tempo de descanso do corpo - tão necessário depois de horas costurando - e a identificação das reações corporais, pois a “ação e sua consequência devem estar unidos na percepção. Essa relação é o que confere significado; apreendê-lo é o objetivo de toda compreensão” (DEWEY, 2010, p. 122). O entendimento desses significados ganhava novas dimensões quando conversava com as/os colaboradoras/es dias, semanas e até meses depois da produção das saias.

O investimento nesse processo lento, gradual e respeitoso com minhas limitações corporais foi pensado junto às reflexões de Jonh Dewey (2010) sobre “ter uma experiência” e a difícil compreensão de que há questões que interferem na percepção das relações, causando desequilíbrio entre o que se busca viver e fazer, tornando a vivência distorcida ou com significados escassos e até mesmo falsos. Para Dewey, a rapidez dos encontros, a rotatividade dos compromissos diários, a ânsia pelo fazer e o elogio à produtividade dificultam relações e acontecimentos significativos:

O gosto pelo fazer, a ânsia de ação, deixa muitas pessoas, sobretudo no meio humano apressado e impaciente em que vivemos, com experiências de uma pobreza quase inacreditável, todas superficiais. Nenhuma experiência isolada tem a oportunidade de se concluir, porque o indivíduo entra em outra coisa com muita precipitação. O que é chamado de experiência fica tão disperso e misturado que mal chega a merecer esse nome (DEWEY, 2010, p. 123).

Em meio a tantas tarefas e escolhas cotidianas, tornou-se importante dedicar-me à construção de um espaço/momento íntimo. Alinhavar saias imaginando as curvas do corpo foram experiências de imensa afetividade e certo grau de erotismo – sempre proporcionado para quem vive a arte. Aliás, todas as vezes que costurei uma saia para alguém passei horas criando imagens mentais sobre os possíveis usos de cada peça. É muito interessante ver como posso criar espaços não habitados e recursos do imaginário com uma agulha, um fio de linha e um pedaço de tecido. É um tempo/espaço/lugar que segue minha (des)lógica, alcançando o outro. A saia pode até ficar guardada em uma gaveta, mas estou certa de que provocará novos sentidos, memórias e vibrações no corpo, pois “coisas retidas da experiência passada, que tenderiam a ficar batidas por causa da rotina ou inertes por falta de uso, transformam-se em coeficientes de novas aventuras e se revestem de um novo significado” (DEWEY, 2010, p. 147). A fala do autor remonta ao que entendo como lembrança afetiva, onde memórias - reais ou ficcionais – do passado, presente e futuro são revisitadas e ressignificadas com a intenção de tornarmos-nos sujeitos um pouco mais conscientes e abertos ao outro.

O encontro com Ana Flavia Mendonça aconteceu nos Jardins do Centro de Artes e Comunicação, da Universidade Federal de Pernambuco, nosso local de trabalho. A sensação de nostalgia foi ativada pelo vazio dos corredores, circulação livre dos gatos, avisos tomados de pó e invasão das plantas nos pilares de concreto. O lugar despertava pura saudade de um tempo recente marcado pelos encontros presenciais com as/os estudantes, pelas correrias do dia a dia, pela agenda sempre lotada, pelo tempo das conversas nos corredores e pela tentativa de prolongamento da hora do almoço. Essas lembranças fazem parte de uma identidade docente marcada pela partilha, necessidade do outro e entusiasmo com a oportunidade de aprender para além das interações virtuais.

Mas, foi Ana Flavia quem trouxe um artefato que me levaria a tempos, lugares e pessoas distantes, rondando minha mente e sonhos por vários dias: um pedaço de tecido, presente de sua avó. Não convivi com avós. Elas partiram antes de se tornarem minhas cúmplices. Por este motivo tive dificuldade para explicar à minha filha “o que as avós fazem?” Nunca senti falta dessa relação, simplesmente porque não a vivi. Sabia apenas que minha avó materna usava saias sobre calças para manter-se como mulher de respeito, assim como faziam todas as outras de sua pequena colônia. No entanto, Ana Flavia estava ali, pronta para costurar uma saia comigo com uma herança repleta de afetos e de pequenas manchas amareladas do tempo. Tremi só de pensar em cortar o tecido. Também fiquei honrada ao ajudar na transformação

daquela peça em saia. Os relatos carinhosos sobre sua avó remetiam a um amor com extravagância, mimos escondidos dos pais, olhares de quem daria um chocolate fora de hora, convivência sem qualquer pretensão educativa, aliança secreta na rebeldia. Foi depois desse encontro que comecei a sonhar com minha avó Laura, vislumbrando a “Casa de Vó” como legado e imaginando-me pequena puxando a barra de sua saia. Fui presenteada com uma memória não vivida, mas muito bem experienciada.

Enquanto vivia os encontros de Alinhavadas também compartilhava relatos com minhas/meus estudantes nas aulas virtuais, instigando o protagonismo delas/es com as leituras de Max Van Manen (1990), que aborda a prática investigativa como experiência vivida e de John Dewey (2010). Esse último entende que vivências significativas estão sempre relacionadas ao coletivo e à conexão com o meio, reconhecendo que “a experiência, na medida em que é experiência, consiste na acentuação da vitalidade. Em vez de significar um encerrar-se em sentimentos e sensações privados, significa uma troca ativa e alerta com o mundo” (DEWEY, 2010, p. 83).

Um ponto puxa o outro e um novo fluxo se instaurou com um grupo de sete estudantes do curso de dança. A invasão nas “casas de vó” se estabeleceu instantaneamente e os corpos cederam ao movimento que cada relato instigava. Costurar uma saia em ponto alinhavo não foi suficiente para este grupo que optou pela criação de experiências que dançam. Cada uma dessas estudantes criou um gesto, um movimento corporal que simbolizava um ponto de costura aprendido com suas ancestrais. Por vários dias ensaiaram virtualmente coreografias com a professora responsável, Ana Marques, e por dois dias costuraram saias e bailaram memórias.

Sabia que a costura de saias com aquelas bailarinas, cheias de energia e de entusiasmo, marcaria a conclusão de minha experiência poética na costura de saias, pois “toda experiência integral se desloca para um desfecho, um fim, uma vez que só para depois que as energias nela atuantes fazem seu trabalho adequado. Esse fechamento de um circuito de energia é o oposto da paralisação, da estase (DEWEY, 2010, p. 118). Senti que chegara a hora de fechar um ciclo de aprendizagens, de interpretar o que ainda ressoava no corpo e de reconhecer meu legado.

Viver Alinhavadas possibilitou entender meus processos de formação enquanto uma professora artista que necessita do compartilhamento, que fica feliz tramando pontos, que se percebe em sintonia com o movimento de outros corpos, que se entrega ao tempo lento e se coloca em silêncio para deixar sentir a voz do outro, entendendo um pouquinho mais sobre si. Estaria assim presente o engajamento educacional tão almejado nas práticas pedagógicas? Não seriam essas as premissas de educadoras/es e pesquisadoras/es? Criar processos relacionais em tempo lento potencializa uma experiência poética? Como o ponto lento de Alinhavadas desloca noções de produtividade - lógicas de produção acelerada pelo desejo de ter em detrimento da busca pelo ser? O que surge e o que aprendo da fragilidade do ponto alinhavo? O que descubro sobre mim através do outro? Seria Alinhavadas um possível dispositivo de enfrentamento à pandemia da intolerância, apatia e indiferença?



Referências

COUTO, Mia. **O fio das missangas**. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

IRWIN, Rita. *A/r/tografia*. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita (Orgs.). **Pesquisa educacional baseada em arte: a/r/tografia**. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.

MANEN, Max Van. **Researching lived experience: human Science for an action sensitive pedagogy**. New York: The State University of New York Press, 1990.

STALLYBRASS, Peter. **O Casaco de Marx**. Traduzido por Tomaz Tadeu. São Paulo: Autêntica, 2012.

Submissão: **30/06/21**

Aceitação: **04/08/21**